

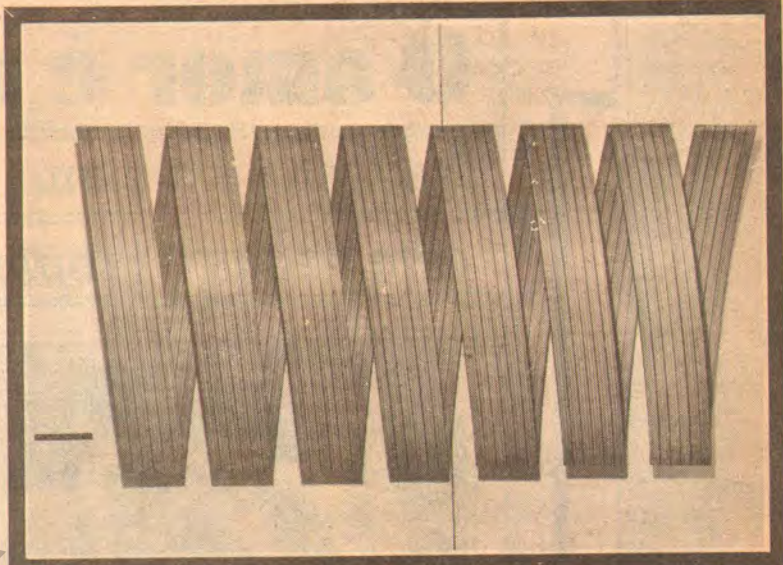
No balanço do ano, as exposições mais importantes

Primeiro os fatos, depois a análise. Para o colunista, as melhores exposições de 1981 foram as seguintes: 1 — *Arte Incomum* (sala especial da XVI Bienal Internacional de São Paulo); 2 — *Coleção Gilberto Chateaubriand* (Museu de Arte Moderna do Rio); 3 — *Quatro Mestres Contemporâneos* De Chirico, Ernst, Miró e Magritte (Museu de Arte de São Paulo); 4 — *Brasil-Cuiabá: pintura cabocla* (museus de Arte Moderna do Rio de Janeiro e de São Paulo); 5 — *Franz Krajcberg* (Galeria Jean Boghici); 6 — *Franz Weissmann*; 7 — *Ione Saldanha*; 8 — *Joaquim Tenreiro*, estas três últimas na galeria de arte do Instituto dos Arquitetos do Brasil, seção do Rio de Janeiro; 9 — *Antonio Parreiras* (Galeria Acervo); 10 — *Artur Luiz Piza* (Museu de Arte de São Paulo e Gravura Brasileira); 11 — *Antonio Poteiro* (RGaleria Bonino); 12 — *Milton Machado* (Galeria César Aché); 13 — *Maria do Carmo Secco* (Galeria Saramenha); 14 — *Carlos Martins* (Gravura Brasileira); e *Amador Perez* (Galeria César Aché).

Devem ser destacadas, ainda, as seguintes exposições: *Rubens Gerchman* (Galeria Bonfiglioli/SP e Saramenha); *Flávio Shiró* (Saramenha); *Marcelo Nitsche* (Galeria Sérgio Milliet e Galeria São Paulo); *Claudio Paiva*, *Paulo Garcez*, *Thereza Simões*, *Bárrio*, *Luiz Sá*, *Guernica e Fotografia*, nas galerias da Funarte; *Iberê Camargo* e *Universo do Carnaval*, na Galeria Acervo; *João Câmara* e *Benevento* na Galeria Bonino; *Biquiba Guarany*, no Museu da Marinha; *Victor Arruda*, na Galeria Anna Maria Niemeyer; *Maria Auxiliadora*, no Museu Nacional de Belas Artes; *Sérgio Camargo*, no Museu de Arte Moderna, do Rio; *Grilo* e *Evandro Salles*, na Escola de Artes Visuais; *Hugo Denizart*, no Centro Cultural Cândido Mendes; *Oswaldo Goeldi*, no Solar Grandjean de Montigny; *Milton Dacosta*, no Museu de Arte Moderna de São Paulo; e *Hercules Barsotti*, no Gabinete de Arte Raquel Babenco.

Ainda no circuito nacional, cabe mencionar a *Art-door*, mostra internacional de arte em *out-door* e entre as mostras internacionais trazidas ao Brasil, *Karel Appel* (Museu de Arte de São Paulo e Museu de Arte Moderna do Rio) e *Jean Pierre Raynaud* (Café des Arts).

Sem dúvida alguma a galeria de arte que mais se destacou no Rio de Janeiro, este ano, foi a que se criou, recentemente, no *Instituto dos Arquitetos do Brasil* (Weissmann, Tenreiro, Ione e Abraham Palatnick), enquanto no circuito de galerias da Funarte o melhor desempenho coube à *Sérgio Milliet* (Thereza Simões, Claudio Paiva, Paulo Garcez, Bárrio e Everardo Miranda). No circuito comercial foram três as galerias que se destacaram: *Acervo* (Parreiras, Universo do Carnaval e Iberê), *Cesar Aché* (Amador, Milton Machado e Thereza Simões) e *Saramenha* (Carmo Secco, Gerchman e Shiró). Louve-se o esforço didático da *Galeria Banerj* (especialmente a publicação das entrevistas com os expositores), enquanto a *Galeria Nuchy*, que começou a funcionar este ano, teve bons momentos com *Décio Vieira* e *Evany Fanzeres*.



Fita de laminado, 1977, de Joaquim Tenreiro

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, mesmo não tendo ainda definida a sua política cultural e sendo mais receptivo ao que lhe propõem e menos agressivo em suas próprias iniciativas, ainda assim começa a recuperar o terreno perdido, trazendo de volta às suas exposições, debates e conferências um bom público. Além das mostras já citadas, ali realizadas, foram destaques em sua programação, o IV Salão Nacional de Artes Plásticas, com excelente montagem, Esculturas de Degas e Destaques Hilton de Gravura. Os demais museus nada fizeram.

Dois eventos significativos este ano, no Brasil: o Encontro Arte e Região, que se realizou no Rio de Janeiro (Funarte), com a presença de importantes lideranças regionais do País na área das artes plásticas, e que se realizou paralelamente à sala especial sobre a "Presença das Regiões: aspectos do trabalho de artes plásticas no Brasil", (Palácio da Cultura/MEC), do IV Salão Nacional de Artes Plásticas, e a reunião do Conselho Internacional do Museu de Arte Moderna de Nova York, no Rio e em São Paulo, possibilitando a realização de pelo menos duas grandes exposições, a de mestres contemporâneos, no MASP e a da coleção Gilberto Chateaubriand no MAM carioca.

No plano internacional, Picasso foi o nome do ano, com inúmeras exposições comemorativas de seu centenário de nascimento, em vários países, no Brasil inclusive. Pela primeira vez, um artista plástico transforma-se num *hit* dos meios de comunicação de massa. Os 20 anos da morte de Goeldi foram comemorados com duas exposições no Rio (Solar de Grandjean de Montigny e Galeria do Banerj) e com uma homenagem nos Destaques Hilton de Gravura. Mas as comemorações do cinquentenário do Núcleo Bernardelli (e dos 30 anos da morte de Bruno Lechowski, mestre de Pancetti e de outros integrantes do Núcleo) foram transferidas para o primeiro semestre de 1982, com exposição e livro.

Por falar em livros de arte, o movimento editorial nesse campo esteve

bastante ativo em 81, como vimos no artigo da última segunda-feira. Talvez se tenha editado menos do que em 1980, mas foram muitos os livros de qualidade, entre os quais cabe citar, além dos já mencionados no artigo anterior, o de Nise da Silveira, "Imagens do Inconsciente", o de Millôr Fernandes, com seus desenhos de humor, o de Gildo Meirelles, com texto de Ronaldo Brito, na Coleção Arte Brasileira Contemporânea, da Funarte e o de Carlos Maciel Levy sobre Antonio Parreiras, da coleção Pinakoteke.

Este último livro, aliás, mereceu o prêmio Jabuti, em São Paulo, e seu autor, foi contemplado com o prêmio Gonzaga Duque de crítica de arte. Afora os artistas premiados, no Salão Nacional, com viagens ao exterior e ao país, Milton Dacosta e Rubens Gerchman receberam os prêmios do governo estadual (antigos Estácio de Sá e Golfinho de Ouro) e Benevento o Troféu Mário Pedrosa, este, como o Gonzaga Duque concedidos pela Associação Brasileira de Críticos de Arte, com apoio da Funarte.

O Brasil ficou menos polêmico e menos lúcido com a morte do crítico e político Mário Pedrosa, aos 80 anos, e Glauber Rocha, aos 42 anos. Morreram também Edson Motta, diretor do Museu Nacional de Belas Artes, João Salgueiro, diretor do Instituto Nacional de Artes Plásticas, e Luiz Martins, escritor e crítico de arte. Passamos quase todo o ano com diretores interinos no MNBA e no INAP. Só agora foram nomeados Alcídio Mafrá para a direção do primeiro, e Paulo Sérgio Duarte para diretoria-adjunta do segundo.

Estado e município continuam sem programas e verbas para artes plásticas, aumentando o esvaziamento do Rio de Janeiro, mas o aumento do ICM e de uma fiscalização abusiva (pelos métodos empregados) perturbou o mercado de arte, tanto quanto a chamada "lei dos 20", que já está vigorando, cobre de nuvens ameaçadoras o circuito de arte. Apesar disso, os artistas plásticos, e sua entidade representativa, permanecem divididos na questão.